

Com o Alcorão e com o judaísmo, temos as nefandas disputas da Palestina.

Com o catolicismo, que mais de perto deveria representar o pensamento evangélico, na civilização ocidental, vemos basílicas suntuosas e frias, onde já se extinguíram quasi todas as luzes da fé. Aí dentro, com os requintes da ciência sem consciencia e do raciocínio sem coração, assistimos a guerras absurdas da conquista pela força, indenticamos o veneno das doutrinas exterministas e perversoras, verificamos a onda pesada de sangue fratricida, nas revoluções injustificáveis e anotamos a revivescência das perseguições inquisitoriais da Idade Média, com as mais sombrias perspectivas de destruição.

Um sôpro de morte atira ao mundo atual supremo cartel de desafio.

Não obstante o progresso material, sente a alma humana que sinistros vaticínios lhe pesam sobre a fronte. É que a tempestade de amargura na dolorosa transição do momento significa que o homem se mantém muito distante da Verdade e da Vida.

As lembranças do Natal, porém, na sua simplicidade, indicam á Terra o caminho da Mangedoura. Sem êle, os povos do mundo não alcançarão as fontes regeneradoras da fraternidade e da paz. Sem êle, tudo será perturbação e sofrimento nas almas, presas no turbilhão das trévas angustiosas, porque essa estrada providencial para os corações humanos é ainda o Caminho esquecido da Humildade.

Emmanuel

SÚPLICA DO NATAL

Na noite santificada,
Em maravilhas de luz,
Sóbem préces, cantam vozes
Lembrando-Te, meu Jesus!

Entre as doces alegrias
De Teu Natal, meu Senhor,
Volve ao mundo escuro e triste
Os olhos cheios de amor.

Repara conôsko a Terra,
Angustiada e ferida,
E perdôa, Mestre Amado,
Os êrros de nossa vida.

Onde puzeste a alegria
Da paz, da misericórdia,
Desabam tormentas rudes
De iniquidades e discórdia.

No lugar, onde plantaste
As árvores da união,
Vivem monstros implacáveis
De dôr e separação.

Ao longo de Teus caminhos
Sublimes e abençoados,
Surgem trévas pavorosas
De abismos escancarados.

Ao envés de Teus ensinios
De caridade e perdão,
Predominam sôbre os homens
A sombra, o crime, a opressão.

Perdôa, Mestre, aos que vivem
Erguendo-Te a nova cruz!
Dá-nos ,ainda ,a bonança
De Tua divina luz.

Desculpa o mundo infeliz,
Distante das leis do bem,
Reléva as destruições
Da humana Jerusalem...

Se a inteligência dos homens
Claudicou e recaíu,
A Tua paz não mudou
E o Teu amor não dormiu.

Porisso, ó Pastor Divino,
Nos júbilos do Natal,
Saudamos a Tua estrêla
De vida excelsa e imortal.

Que o mundo Te guarde a lei
Pela fé que nos conduz
Das sombras de nossa vida
Ao reino de Tua luz!...

Casimiro Cunha.

F I M

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Livraria Allan Kardec Editora, em maio de 1946.